



Histórias de vida e o Vera

Aquela que mergulhou no Vera



Maria Luiza Nazarian Resende (Quinha)

Orientadora (EF nível 2)

A woman with dark hair and bangs is sitting in a wooden chair outdoors. She is wearing a dark long-sleeved top and patterned pants. She has a watch on her left wrist and a ring on her left hand. She is smiling slightly. The background is filled with trees and foliage, including a large tree trunk in the foreground on the left. The entire image has a light, semi-transparent overlay.

A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Quinha começou a trabalhar no Vera em 1972.
Ela se despediu da Escola em 1999.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

Formação no Vera

O apelido Quinha é de quando eu era pequena. Quando comecei a trabalhar com crianças, me apresentei como Quinha, porque achei que era mais fácil do que Maria Luiza. Algumas me chamavam de Minhoquinha. Ficou Quinha. Hoje, tenho consultório, e no meu cartão pus Maria Luiza Nazarian, mas, entre parênteses, Quinha, porque é assim na minha história.

Me formei no magistério no Dante, porque era a alternativa possível. Fazer pediatria, ou biologia, era uma ideia, então fui fazer aquele científico do Dante para medicina. Detestei, era uma coisa muito fechada. Fui ao magistério conversar com a secretária, e ela disse: "Acho que você vai gostar daqui, porque se você não quer o clássico, aqui tem psicologia, matemática, metodologia didática". Fiz.

No último ano, tinha uma menina que estudava comigo que me disse: "Quinha, sabe o que eu acho? Que você devia ir a uma escola que se chama Vera Cruz". Sempre agradeço a ela por isso! "Mas por quê?"; "Olha, a minha irmã tem as filhas lá, mas é uma escola muito moderna. Então, ela vai tirar as crianças, mas acho que tem tudo a ver com você". E fui conhecer o Vera. Era na Frei Caneca, na época, em 1920 (risos). Fui lá,

conversei com a secretária, que me disse: "Olha, agora não dá para fazer estágio, só em abril". Isso era fevereiro, janeiro... Então, fui fazer estágio em uma outra escola, um horror de escola. "Meu Deus, se isso é educação, estou no ramo errado, não sei o que eu vou fazer." Consegui ficar quinze dias, e saí chorando. "Quer saber? Vou esperar o estágio do Vera." Entrei na pedagogia da PUC e fiquei fazendo. Quando o Vera me chamou, quem fez a reunião foi a Peo [Maria Amélia Pinho Pereira, fundadora], uma grande amiga. Ela e a Branca [Albernaz, fundadora] acreditaram em mim, acharam que eu podia dar muito para a Escola e que eu já tinha muito da educação dentro de mim. Eu tinha vinte anos.

Então, fui fazer estágio, de manhã e de tarde. E me apaixonei pelo Vera Cruz. Na época, o Vera tinha da Educação Infantil até a 4ª série. Fazia estágio numa classe, no almoxarifado... Participava de reuniões com Peo e Branca — elas me deixavam assistir a algumas delas. Fiquei o ano inteiro. Transferi o curso de pedagogia para a noite. Então, para mim, minha formação em educação foi no Vera Cruz, sem dúvida alguma, não foi na pedagogia da PUC, que era bem antiga, e o Vera tinha uma coisa de atualização, de reflexão. Foi maravilhoso. Para mim, para minha vida, e não só a profissional, é antes do Vera e depois do Vera.

Então, elas me chamaram para eu ser auxiliar. Fui auxiliar da antiga 1ª série até a 4ª. Não tinha esse negócio de uma auxiliar para cada duas salas. Foi uma experiência ótima, porque eu fazia de tudo: cortava a cartolina, ia na biblioteca — era na Avenida Brasil, numa casa linda, e eu ficava no hall da biblioteca, vendo os livros que as crianças queriam tirar, devolver. Foi uma coisa de uma riqueza! Fazia estágio na 4ª série, na 3ª, 1ª, tocava violão no recreio. Fiquei um ano como auxiliar, ia de uma sala para outra.

Professora para sempre

Depois me chamaram para ficar com sala de aula, e eu fui para a 1ª série. Foi incrível, porque aprendi muito com aquela sala, uma sala muito difícil, aprendi muito. Era um trabalho de formação, de acompanhamento mesmo. E as reuniões com Branca e Peo eram muito enriquecedoras. Por exemplo, Lucília [Bechara, fundadora], quando entrou, foi um ganho para Escola maravilhoso, porque ela ensinava Matemática para a gente, com os materiais que trazia do Canadá. Tinha vezes que a gente ficava até tarde da noite "brincando", mas era brincando mesmo, aprendendo Matemática com aquele material. Era muita gente boa, muita gente dedicada à Escola. A gente foi fazendo um grupo muito forte, muito consistente, com as reuniões, os grupos-série. Foi riquíssimo.

Uma nova etapa

Fiquei quatro anos como professora, e, quando eu ia assumir a quarta classe, Peo foi para Brasília e me chamou para ser orientadora. Eu fazia orientação de duas salas num turno e, no outro, tinha sala de aula. Eu falava: “Não quero deixar a sala de aula, de jeito nenhum”. E ela: “Não, mas você não vai deixar mesmo”. Só que, no final do ano, vi que não dava para fazer tudo. E, nessa época, [a Escola] era na [Rua] Guilherme Moura.

Era uma casa pequena. A minha sala de aula, acho, tinha três metros por quatro. Era muito pequena. Eu tinha uns 11 alunos. Em algumas aulas de Matemática, a gente fazia um trem, que a gente construía com a lógica, e eu saía pelo corredor, porque não dava para fazer lá dentro. Tudo isso fazia parte. E tudo bem! Nessa época, eu também coordenava a parte de Artes, que era numa sala que dava para a sala de entrevista. E as pessoas estavam conversando com os pais... Depois, mudamos para a [Rua Dona] Elisa.

No ano seguinte, saí da sala de aula. Me lembro que fiquei alguns anos no G5, porque a gente queria firmar o currículo do G5. Depois, acompanhei o Maternal, Jardim 1, Jardim 2... Fiquei muito tempo no Verinha.

Sempre gostei demais também de fazer Orientação, mas, na minha vida no Vera, eu não pensava: “Ah! Sou auxiliar, mas quero ser professora um dia, agora que eu sou professora, quero ser orientadora”. Nunca tive esse desejo, as coisas aconteciam.

Educação além-mar

Fui morar em Portugal. Meu marido foi chamado para trabalhar lá, e fui com o Vera Cruz dentro de mim. Peo me apresentou à diretora de uma escola, Lucinda. Conversando, ela falou: “Olha, Quinha, vou falar o que quero que você faça aqui. Tem um menino que corre pela escola o dia inteiro. Não quer ficar na sala de aula. Ele precisa de alguém, assim como você, e que, depois, você explique para os professores como lidar com ele”. Foi muito interessante. O menino se chamava João Nuno. Eu o alfabetizei, com o português de Portugal. Foi de uma riqueza esse trabalho! A dona da escola tinha setenta e poucos anos, mas ela era mais jovem do que as professoras. Fiquei um ano trabalhando lá, montei uma brinquedoteca com uma angolana que conheci num congresso. A gente montou, porque as crianças ficavam muito na rua; saíam da escola às três e os pais chegavam do trabalho às cinco. Essas duas horas eram horas de risco. Era uma escola pública.

O Vera e a maternidade

Quando voltei, tinha uma mãe do Vera que me chamou para trabalhar em uma escola lá no aeroporto. Depois, trabalhei na Paulo Freire, uma escola parceira do Vera. Foi quando Ana Caleiro [psicóloga educacional] [me chamou] para assumir o lugar de uma orientadora que estava saindo. Fiquei três anos.

Então, tive a minha filha e, na hora de ela entrar para escola, pensei: "Gente, quem vai fazer a adaptação dela?". Meu marido não podia. Entregar para alguém fazer? "Ah, não!". Aí, saí do Vera e fiz toda a adaptação dela. Foi incrível. Ela tinha dois anos, entrou no Vera e ficou até o final.

Reconheço o Vera na minha filha. Ela saiu daqui, fez relações internacionais na ESPM. Eu perguntava: "Filha, por que você está querendo fazer relações internacionais?"; "Mãe, quando eu estiver trabalhando na ONU, se a gente mandar remédios para a África e não chegar nenhum, vou descobrir por que não chegou". Pois ela terminou relações internacionais, está fazendo o 5º ano de medicina. Então, é isso, poder fazer, não fazer, levar a sério, e a coisa da humanização. A família tem esse lado, mas ela aprendeu muito com a Escola. O Estudo do Meio, a Ilha do Cardoso, o RepLago, tudo isso também, a coisa da natureza,

a coisa da cooperação, do grupo, de partilhar; realmente, eu enxergo o Vera nela.

Talvez tenha netos no Vera, vamos ver. Minha filha está namorando um rapaz que foi do São Luís, então... Sogra não pode se meter muito (risos). Vou esperar para ver o que acontece, mas acho que eu vou ter, sim.

A reflexão como valor

O Vera para mim é um lugar de reflexão, um lugar em que o amor perpassa todas as áreas, as pessoas. Não quer dizer que não tenha problema, claro que tem, mas tem um diferencial, e, hoje, eu vejo claramente.

Montei um consultório de psicopedagogia em 2002 ou 2003, e o Vera me manda algumas crianças; trabalho com crianças de outra escola também. Não é porque eu estive aqui dentro, mas, aqui, tem uma coisa única: a amizade entre as pessoas. Muita gente que está aqui, ou que saiu daqui, continua se encontrando fora da Escola. Isso é muito forte, muito forte. A maneira como a Escola trabalha com crianças com dificuldades também é única. Toda essa inclusão que está sendo feita é única. Eu sei que outras escolas estão fazendo, mas é de outro jeito.

Acho que tem coisas que são muito do Vera Cruz mesmo. E, muitas vezes, eu ouvia críticas, mesmo quando eu estava aqui: "Ah, o Vera demora muito para resolver as coisas..." Isso é um valor para mim, porque está cheio de escola aí que entra na onda e faz tudo na superfície, e quando o Vera decide, ele decide de verdade, depois de muita reflexão.

Particpei de muitas dessas discussões. Por exemplo, sobre se o 1º ano ficava no Verinha ou no Verão, no nível 2. Foi uma grande discussão. É muito bacana a gente poder refletir junto para tomar as decisões.

Uma vez, teve uma festa das crianças, e a proposta era que cada grupo de crianças construiria a escola ideal. Teve um grupo que fez uma escola cheia de pena dentro, porque era fofo, porque podia se deitar. Nunca me esqueço disso. Tinha a festa dos balões, quando a gente soltava os balões com os desejos das crianças. Na Avenida Brasil, o pessoal ficava buzinando por causa dos balões...

Aprendi com os alunos a maravilha que é viver, porque eles ensinam isso o tempo todo, e a brincar nos momentos de desafio, pondo seriedade, mas não deixando um lado da alegria ir embora.

Amizades para sempre

Acho que a gente teve uma força de trabalho e parceria muito grandes, e tem até hoje. É um diferencial. Eu sou fã do Vera mesmo, adoro esta escola. Tenho um monte de amigos aqui, é uma escola que ajudou a construir quem eu sou, pessoalmente e no trabalho.

Magdalena [Jalbut, coordenadora] e Peo foram duas pessoas muito importantes para mim. Branca também era uma pessoa muito importante para mim. Branca e Peo se complementavam, era muito bonito ver isso. Peo era a pessoa da criatividade, da expressão, a pessoa que chegava com os textos simbólicos, que trazia para as reuniões. Branca era da Matemática, ela ensinava Matemática. Ela e Lucília. Ela acabava trabalhando com a Lucília lindamente para a gente. Ela elaborava as lições de Matemática. Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora] tinha as duas como grandes referências, tinha briga e tudo, que eu sei, mas eram duas grandes referências para a Escola, porque elas tocavam o barco. Yolanda via toda as outras partes, administrativas e outras, mas as duas exerciam uma liderança muito forte na Escola, elas coordenavam a Escola. Estou falando da Avenida Brasil.

Tinha uma coisa que o lazer e o trabalho, para mim, não eram muito separados, eram juntos. A gente sentava e ficava criando fichas, imagina na época do mimeógrafo. Eu entendia de mimeógrafo, imprimia em vermelho, azul e amarelo; a gente ficava inventando ficha no sábado à tarde. Para mim, era uma coisa que fazia parte. Todo mundo jovem, em outro momento de vida, mas funcionava dessa maneira.

A Matemática era lúdica. Para os conteúdos mais difíceis, ela tinha um lado lúdico. Branca já tinha essa construção, mas, quando Lucília chegou com toda essa parte lógica, foi maravilhoso, porque abriu a cabeça da gente. Como abria na questão das expressões escritas. Nisso, Vera Cruz sempre investiu muito.

Acho que, quando Lucília chegou, Artes, Língua Portuguesa, na parte expressiva, e Matemática com ela, ficou uma unidade. Aprendi Matemática aqui. Quer dizer, eu já gostava quando eu estava no Fundamental, na 4ª série, naquela época, mas muita gente aprendeu Matemática com Lucília e Branca. É bom demais. Bom demais mesmo.

A gente fazia teatro. Eu não sei se ainda acontece, mas os professores faziam teatro para as crianças, tudo um pouco improvisado. Me lembro uma vez que eu fui Rapunzel. Fiquei na sala de cima

e joguei uma trança de corda. E Claus [Petersen], professor de Música, subia. A gente se divertia junto. Era maravilhoso.

Fora do Vera, mas perto do Vera

Quando eu estava na Escola, o orientador encaminhava as crianças para fazer terapia, fono, ou uma avaliação e tal. Hoje, eu estou desse lado. Hoje, eu entendo o que um pai fala quando diz: “Acho que o professor não gosta muito do meu filho” ou “Meu filho... Olha... Não tem nenhum amigo”. Porque eu já vivi isso na escola, uma criança que não tem amigo, já vivi. Então, eu sinto mesmo a dor do pai: “Ele não consegue se alfabetizar, Quinha, não está dando. Preciso de sua ajuda”. Agora, estou do lado de cá. Por exemplo, quando eu recebo criança do Vera, eu amo, porque venho conversar sobre a criança. Mesmo que eu não esteja aqui, sei a raiz qual é, porque o Vera não perdeu a raiz.

Outro dia, fui ao Verinha, numa daquelas festas que eles fazem com o trabalho das crianças e tudo. Falei para Angela [Fontana, coordenadora] que o que me emociona é que eu vejo que tem muita coisa diferente do meu tempo, mas a raiz do Vera está aqui. Não perdeu a essência. Isso me dá um quentinho no coração.

Uma escola atemporal

Não imaginei o Vera com 60 anos, porque no fundo o Vera é atemporal, essas coisas que são com muita história se perdem no tempo. Hoje é muito difícil levar uma escola como o Vera, porque a quantidade de assuntos que há é muito grande. Então, acho que a união tem que ser maior, a reflexão tem que ser maior, porque não é brincadeira.

Hoje, tem que ser discutido desde atentado, pandemia, toda a história de gêneros, tudo. É bastante coisa. Acho que professores e orientadores e todo mundo estão numa *vibe* de terem que arregaçar as mangas e ir. O mundo mudou muito. Nem tinha internet. O almoxarifado, o mimeógrafo... Quando penso que eu filmava e editava as festas do Vera... Tinha um lado muito rudimentar que hoje não caberia mais. Mas gosto muito daqui, tenho muitos amigos, tenho muito orgulho e tenho muita alegria de ter feito parte dessa história mesmo. Uma delícia estar aqui!

Sei que eu colaborei bastante com a Escola, mas as oportunidades que eu tive aqui levo para a minha vida. E ter Peo e Branca acreditando em mim, com vinte anos de idade... Foram elas que puxaram a minha mão, porque, às vezes, não se tem essa oportunidade, esse reconhecimento, e eu tive. E me estendi aqui. Muito importante ter vivido tudo isso. Mesmo.



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

